



**Sumário Executivo do Plano de Ação Nacional
para a Conservação dos Ambientes Coralíneos
PAN Corais**

OS AMBIENTES CORALÍNEOS

Os ambientes coralíneos incluem diferentes formações, especialmente recifes biogênicos (consolidados de algas e/ ou corais), recifes de arenito e costões rochosos com presença de corais, encontrados desde áreas costeiras rasas até grandes profundidades. São ecossistemas frágeis e complexos, que abrigam a maior diversidade biológica marinha, incluindo muitas espécies endêmicas, que possuem diferentes graus de associação entre si, mas que dependem do equilíbrio ecológico destes ambientes. No Brasil, ambientes coralíneos de águas rasas distribuem-se do Maranhão até Santa Catarina e incluem os únicos recifes de coral (estrutura biogênica) do oceano Atlântico Sul Ocidental. Existem ainda os ambientes coralíneos de águas profundas, relativamente pouco estudados no Brasil, mas que são altamente sensíveis, com mais de 40 espécies de corais pétreos, que abrigam uma infinidade de espécies de peixes e invertebrados dependentes da integridade destas áreas. Em toda a distribuição dos ambientes coralíneos podem ser observadas espécies incluídas na lista de espécies ameaçadas, as quais vêm sofrendo fortes ameaças.

Tendo em vista as ameaças a que estão sujeitos os ambientes coralíneos, o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio), em parceria com a organização Coral Vivo, estabeleceu, com base na Portaria MMA nº 43/2014, uma estratégia de conservação na forma de um pacto, o Plano de Ação Nacional para Conservação dos Ambientes Coralíneos - PAN Corais, aprovado pela Portaria ICMBio nº 19/2016.

ESPÉCIES PRIORIZADAS

A elaboração do Plano de Ação Nacional para a Conservação dos Ambientes Coralíneos – PAN Corais, levou em consideração espécies incluídas nas listas oficiais de espécies ameaçadas de extinção do Brasil vigentes atualmente ou quando da elaboração do plano (Instrução Normativa MMA nº 5/2004, Instrução Normativa MMA nº 52/2005 e Portaria MMA nº 445/2014). Avaliou-se que um grande número dessas espécies pode ocorrer em ambientes coralíneos, ao longo de todo o seu ciclo de vida ou pelo menos em parte dele, neles obtendo proteção, alimentação, e/ou locais para reprodução. Por exemplo, a maioria das espécies bentônicas (aquelas que vivem associadas ao substrato) dos ambientes coralíneos permanece em sua fase adulta nesses ambientes, mas dispersam passivamente pela corrente em sua fase larval, como o coral-vela (*Mussismilia hartii*). Em outros casos existe uma preferência pelos ambientes coralíneos, como o tubarão-das-galápagos (*Carcharhinus galapagensis*), que geralmente se alimenta e reproduz em ambientes com fundo de coral ou pedra, mas pode cruzar longas distâncias em mar aberto.

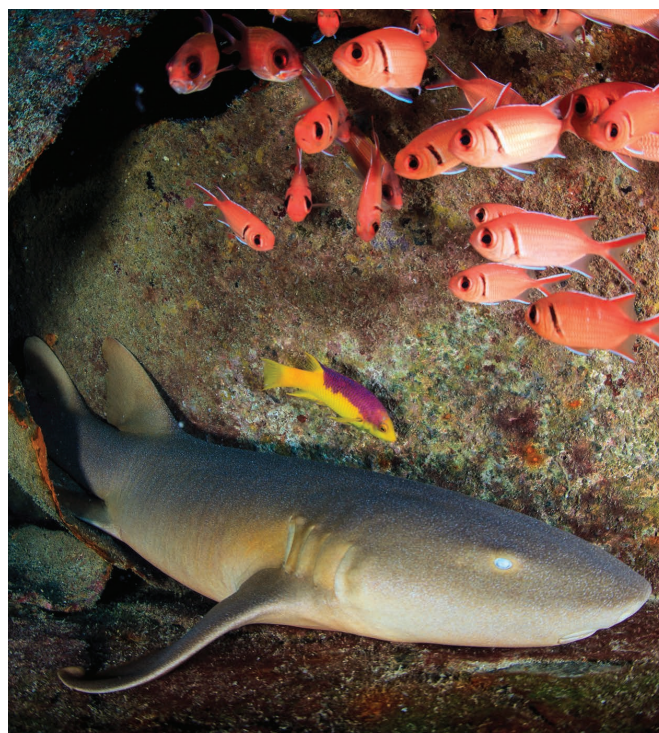
A Tabela 1 representa as espécies alvo do PAN Corais, que são aquelas consideradas ameaçadas de extinção conforme a Portaria nº 445/2014, embora outras espécies também sejam beneficiadas por este PAN. Entre elas, cabe destacar principalmente 11 espécies avaliadas como ameaçadas nas Instruções Normativas (lista oficial anterior), dispostas na Tabela 2. Entretanto, é importante ressaltar que o Plano apresentou uma abordagem ecossistêmica e, portanto, alterações na lista das espécies foco não alteraram seu resultado.



Neon (*Elacatinus figaro*) sobre o coral-casca-de-jaca (*Montastraea cavernosa*).



Coral-cérebro-da-Bahia (*Mussismilia braziliensis*).



Tubarão-lixo (*Ginglymostoma cirratum*) com budião (*Bodianus rufus*) e cardume de mariquitas (*Myripristis jacobus*).

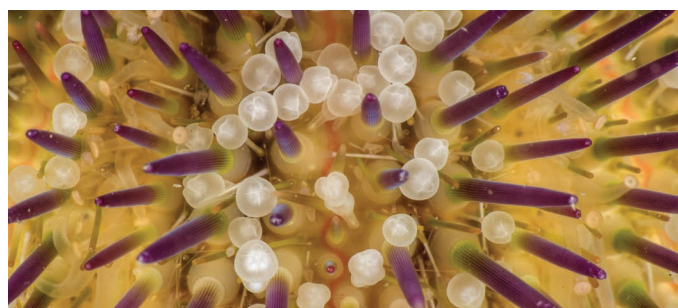
TABELA 1 – Lista de espécies da fauna brasileira ameaçada de extinção presentes na Portaria MMA 445/2014 consideradas no PAN Corais. N = número sequencial da espécie na tabela; CR = Criticamente em Perigo; EN = Em Perigo; VU = Vulnerável.

Grupo Taxonômico	Nome Científico	Nome Vulgar	Categoria de Ameaça
Chordata, Actinopterygii, Syngnathidae	<i>Hippocampus erectus</i> Perry, 1810	cavalo-marinho	VU
	<i>Hippocampus patagonicus</i> Piacentino & Luzzato, 2004	cavalo-marinho	VU
	<i>Hippocampus reidi</i> Ginsburg, 1933	cavalo-marinho	VU
	<i>Micrognathus erugatus</i> Herald & Dawson, 1974	desconhecido	CR
Chordata, Actinopterygii, Scorpaenidae	<i>Scorpaenodes insularis</i> Eschmeyer, 1971	peixe-pedra-arco-iris	VU
Chordata, Actinopterygii, Polyprionidae	<i>Polyprion americanus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	cherne-poveiro	CR
Chordata, Actinopterygii, Serranidae	<i>Choranthias salmopunctatus</i> (Lubbock & Edwards, 1981)	desconhecido	VU
Chordata, Actinopterygii, Epinephelidae	<i>Epinephelus itajara</i> (Lichtenstein, 1822)	mero	CR
	<i>Epinephelus marginatus</i> (Lowe, 1834)	garoupa-verdadeira	VU
	<i>Epinephelus morio</i> (Valenciennes, 1828)	garoupa	VU
	<i>Hyporthodus nigritus</i> (Holbrook, 1855)	cherne-negro	EN
	<i>Hyporthodus niveatus</i> (Valenciennes, 1828)	cherne-verdadeiro	VU
	<i>Mycteroperca bonaci</i> (Poey, 1860)	sirigado	VU
	<i>Mycteroperca interstitialis</i> (Poey, 1860)	badejo-amarelo	VU
Chordata, Actinopterygii, Lutjanidae	<i>Lutjanus cyanopterus</i> (Cuvier, 1828)	caranha	VU
	<i>Lutjanus purpureus</i> (Poey, 1876)	pargo-verdadeiro	VU
Chordata, Actinopterygii, Chaetodontidae	<i>Prognathodes obliquus</i> (Lubbock & Edwards, 1980)	peixe-borboleta-de-são-pedro-e-são-paulo	VU
Chordata, Actinopterygii, Pomacentridae	<i>Microspathodon chrysurus</i> (Cuvier, 1830)	donzela-azul	VU
	<i>Stegastes rocasensis</i> (Emery, 1972)	donzela-de-rocas	VU
	<i>Stegastes sanctipauli</i> Lubbock & Edwards, 1981	donzela-de-são-pedro	VU
	<i>Stegastes trinidadensis</i> Gasparini, Moura & Sazima, 1999	donzela-de-trindade	VU
Chordata, Actinopterygii, Labridae	<i>Halichoeres rubrovirens</i> Rocha, Pinheiro & Gasparini, 2010	budião-fogueira	VU
	<i>Scarus trispinosus</i> (Valenciennes, 1840)	budião-azul	EN
	<i>Scarus zelindae</i> Moura, Figueiredo & Sazima, 2001	peixe-papagaio-banana	VU
	<i>Sparisoma axillare</i> (Steindachner, 1878)	peixe-papagaio-cinza	VU
	<i>Sparisoma frondosum</i> (Agassiz, 1831)	peixe-papagaio-cinza	VU
	<i>Sparisoma rocha</i> Pinheiro, Gasparini & Sazima, 2010	budião-de-trindade	VU
Chordata, Actinopterygii, Labrisomidae	<i>Malacotenus brunoii</i> Guimarães, Nunan & Gasparini, 2010	desconhecido	VU
Chordata, Actinopterygii, Gobiidae	<i>Elacatinus figaro</i> Sazima, Moura e Rosa, 1996	neon	VU
Chordata, Actinopterygii, Microdesmidae	<i>Cerdale fasciata</i> Dawson, 1974	peixe-lombriga-listrado	EN
Chordata, Elasmobranchii, Carcharhinidae	<i>Carcharhinus galapagensis</i> (Snodgrass & Heller, 1905)	tubarão-das-galápagos	CR
	<i>Carcharhinus perezii</i> (Poey, 1876)	tubarão-dos-recifes	VU
	<i>Carcharhinus plumbeus</i> (Nardo, 1827)	tubarão-galhudo	CR
	<i>Negaprion brevirostris</i> (Poey, 1868)	tubarão-limão	VU
Chordata, Elasmobranchii, Ginglymostomatidae	<i>Ginglymostoma cirratum</i> (Bonnaterre, 1788)	tubarão-lixia	VU
Chordata, Elasmobranchii, Mobulidae	<i>Manta birostris</i> (Walbaum, 1792)	raia-manta	VU
	<i>Mobula tarapacana</i> (Philippi, 1892)	raia-manta	VU

Grupo Taxonômico	Nome Científico	Nome Vulgar	Categoria de Ameaça
Porifera, Demospongiae, Halichondriidae	<i>Halichondria (Halichondria) cebimarensis</i> Carvalho & Hajdu, 2001	esponja	VU
	<i>Halichondria (Halichondria) tenebrica</i> Carvalho & Hajdu, 2001	esponja	VU
Porifera, Demospongiae, Latrunculiidae	<i>Latrunculia (Biannulata) janeirensis</i> Cordonis, Moraes & Muricy, 2013	esponja	VU
Cnidaria, Anthozoa, Actiniidae	<i>Condylactis gigantea</i> (Weinland, 1860)	anêmona-gigante	EN
Cnidaria, Anthozoa, Mussidae	<i>Mussismilia braziliensis</i> (Verrill, 1868)	coral-cérebro-da-bahia	VU
	<i>Mussismilia barttii</i> (Verrill, 1868)	coral-vela	EN
Cnidaria, Hydrozoa, Milleporidae	<i>Millepora laboreli</i> Amaral, 2008	desconhecido	VU
Mollusca, Gastropoda, Strombidae	<i>Eustrombus goliath</i> (Schroter, 1805)	búzio-de-chapeu	VU
	<i>Lobatus costatus</i> (Gmelin, 1791)	desconhecido	VU
Mollusca, Gastropoda, Vermetidae	<i>Petalconchus myrakeenae</i> Absalão & Rios, 1987	desconhecido	CR
Echinodermata, Asteroidea, Asteriidae	<i>Coscinasterias tenuispina</i> (Lamarck, 1816)	estrela-do-mar	VU
Echinodermata, Asteroidea, Ophiasteridae	<i>Linckia guildingi</i> Gray, 1840	estrela-do-mar	VU
Echinodermata, Asteroidea, Oreasteridae	<i>Oreaster reticulatus</i> (Linnaeus, 1758)	estrela-do-mar	VU
Echinodermata, Echinoidea, Toxopneustidae	<i>Lytechinus variegatus</i> (Lamarck, 1816)	ouriço-lilás	VU
Echinodermata, Holothuroidea, Synaptidae	<i>Synaptula secreta</i> Ancona Lopez, 1957	pepino-do-mar	CR

TABELA 2 – Espécies consideradas beneficiadas pelo Plano de Ação Nacional para Conservação dos Ambientes Coralíneos - PAN Corais, as quais estavam avaliadas como ameaçadas na lista oficial anterior, a Instrução Normativa MMA 5/2004. Em “Categoria de Ameaça” está indicada a classificação mais recente obtida nas oficinas de avaliação do estado da conservação de espécies, que levaram à edição da Portaria MMA 445/2014. DD = Dados Insuficientes; LC = Menos Preocupante; NT = Quase Ameaçada de Extinção.

Grupo Taxonômico	Nome Científico	Nome Vulgar	Categoria de Ameaça
Cnidaria, Anthozoa, Gorgoniidae	<i>Phyllogorgia dilatata</i> (Esper, 1806)	orelha-de-elefante	DD
Cnidaria, Hydrozoa, Milleporidae	<i>Millepora alcicornis</i> Linnaeus, 1758	coral-de-fogo	LC
Annelida, Polychaeta, Amphinomidae	<i>Eurythoe complanata</i> (Pallas, 1766)	verme-de-fogo	LC
Echinodermata, Asteroidea, Asterinidae	<i>Asterina stellifera</i> (Möbius, 1859)	estrela-do-mar	LC
Echinodermata, Asteroidea, Echinasteridae	<i>Echinaster (Othilia) brasiliensis</i>	estrela-do-mar	LC
	<i>Echinaster (Othilia) brasiliensis</i> Müller & Troschel, 1842	estrela-do-mar	LC
	<i>Echinaster (Othilia) echinophorus</i> (Lamarck, 1816)	estrela-do-mar	LC
	<i>Echinaster (Othilia) guyanensis</i> Clark, 1987	estrela-do-mar	LC
Echinodermata, Echinoidea, Cidaridae	<i>Eucidaris tribuloides</i> (Lamarck, 1816)	ouriço-satélite	LC
Echinodermata, Echinoidea, Echinidae	<i>Paracentrotus gaimardi</i> (Blainville, 1825)	ouriço-do-mar	LC
Echinodermata, Holothuroidea, Stichopodidae	<i>Isostichopus badionotus</i> (Selenka, 1867)	pepino-do-mar	DD
Chordata, Actinopterygii, Grammatidae	<i>Gramma brasiliensis</i> Perry, 1810	grama	NT



Detalhe do ouriço-lilás *Lytechinus variegatus*.



Detalhe de cavalo-marinho *Hippocampus* cf. *patagonicus*.

A ESTRATÉGIA DE CONSTRUÇÃO DO PAN CORAIS

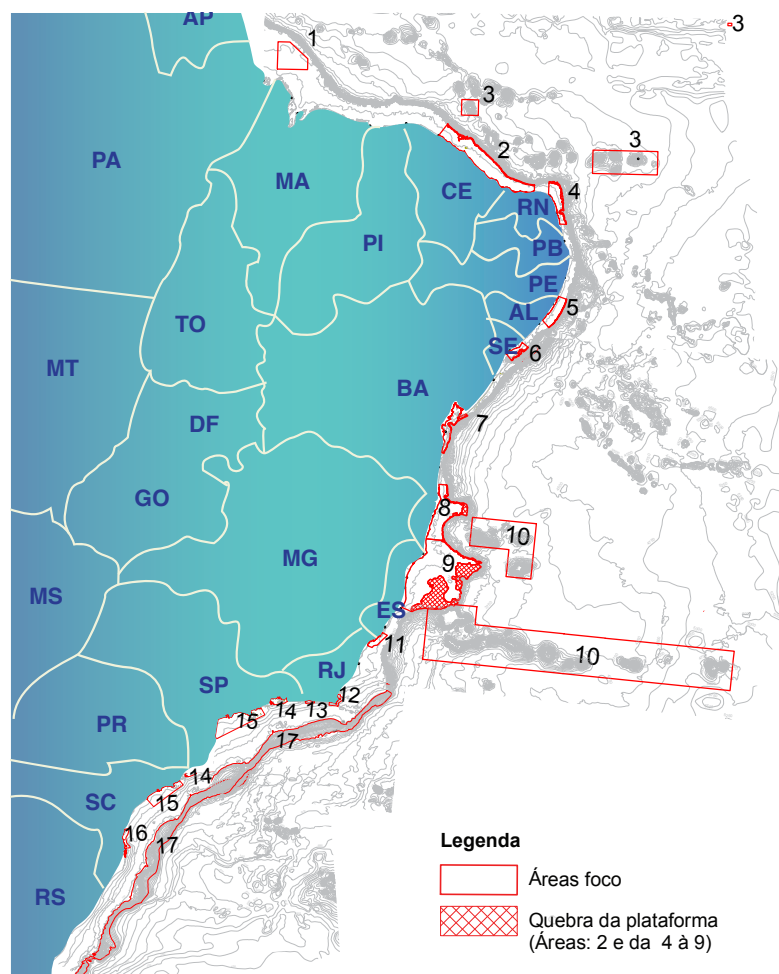
O PAN Corais foi construído em três fases: a fase preparatória, a fase de elaboração e a fase de consolidação. Na fase preparatória, foram identificadas, preliminarmente, as espécies que deveriam ser consideradas nas discussões e as áreas foco do Plano, que resultaram em 18 (dezoito) áreas distribuídas ao longo do litoral brasileiro (Mapa, Tabela 3). Tendo os produtos desta fase como base, a fase de elaboração de Plano foi efetivada em uma ampla oficina participativa, onde foram identificadas as principais ameaças aos ambientes coralíneos e definidos a visão de futuro, o objetivo geral e os objetivos específicos do PAN Corais. Para cada objetivo específico, foram propostas várias ações, detalhando os produtos esperados, seus respectivos articuladores, colaboradores e prazos de execução. Foi indicado também o Grupo de Assessoramento Técnico (GAT) do PAN Corais (posteriormente instituído pela Portaria ICMBio nº 106/2016), que tem como missão acompanhar a implementação e realizar monitoria e avaliação do plano. A fase de consolidação, efetivada em uma oficina envolvendo os membros do GAT e os Centros de Pesquisa e Conservação do ICMBio, envolveu a análise, detalhamento e consolidação das ações propostas na Oficina de Elaboração, bem como a proposição de uma matriz de metas e indicadores da implementação do PAN.

O PAN Corais foi elaborado sob a coordenação geral do CEPsul/ICMBio e coordenação executiva do Coral Vivo, projeto desenvolvido em parceria pelo Instituto Coral Vivo, o Museu Nacional/UFRJ, a Associação Amigos do Museu Nacional, além de outras instituições de pesquisa e ensino. A definição do nome "PAN Corais" para este Plano buscou simplificar sua nomenclatura, visando à facilitação organizativa e de divulgação. Agrega-se no conceito de "corais" deste nome, entretanto, os diferentes ambientes coralíneos e as espécies associadas de qualquer grupo animal.

TABELA 3 – Áreas foco do PAN Corais.
UF = unidade da federação.

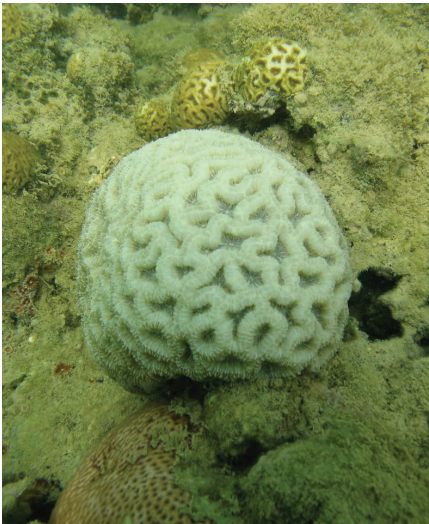
Número	Descrição da Área Foco	UF
1	Parcéis do Manuel Luís, Álvaro e Tarol	MA
2	Urcas e Banco João da Cunha	CE-RN
3	APA Fernando de Noronha - Rocas - São Pedro e São Paulo e Banco Canopus	CE, RN, PE
4	Rio do Fogo, Cioba, Maracajau até a ponta Pirangi do Sul	RN
5	APA Costa dos Corais	PE-AL
6	Norte da REBIO Santa Isabel até ao sul da APA Piaçabuçu	AL-SE
7	Baía de Todos os Santos, Boipeba, até ao norte de Marau	BA
8	RESEX Canavieiras até ao sul da RESEX do Corumbau	BA
9	Banco dos Abrolhos	BA
10	Cadeia Vitória-Trindade e bancos isolados ao largo do Royal Charlotte e Abrolhos	BA-ES
11	Ilhas de Guarapari e Piúma	ES
12	Oásis Coralíneo de Armação dos Búzios, Cabo Frio e Arraial do Cabo	RJ
13	Ilhas Maricás e Cagarras	RJ
14	Baía da Ilha Grande, incluindo Paraty e Mamanguá	RJ
15	Ubatuba até Peruíbe	SP
16	São Francisco do Sul. Tamboretas, Florianópolis	SC
17	Talude continental superior (200-1500m)	diversas
18	Quebra da plataforma continental (50-200m), inserida nas áreas 2, 4, 5, 6, 7, 8 e 9	diversas

MAPA – Áreas foco do PAN Corais.



■ PRINCIPAIS AMEAÇAS AOS AMBIENTES CORALÍNEOS E ÀS ESPÉCIES ASSOCIADAS

Na Oficina de Elaboração do PAN Corais, foram levantadas e discutidas as principais ameaças aos ambientes coralíneos, a partir das quais foram propostos objetivos e ações específicas, visando a conservação dos ambientes coralíneos. Entre as principais ameaças estão: a pesca desordenada, ilegal, excessiva e/ou destrutiva, que torna insustentável a manutenção das populações das espécies de interesse e das comunidades; a mineração, incluindo a exploração de petróleo e gás, a navegação, a atividade portuária e demais empreendimentos que levam à degradação do habitat e perda de espécies; a poluição química-física-biológica, a degradação de bacias hidrográficas e de zonas costeiras, e o aumento de sedimentação nas zonas costeiras, que podem mudar características dos ambientes inviabilizando-os para a maior parte da biota; as espécies exóticas invasoras, que alteram as relações tróficas locais e podem ocasionar a perda de biodiversidade nativa; o turismo desordenado, que pode aumentar o impacto direto (o homem entrando no ambiente) e indireto (como o aumento de despejos orgânicos, lixo e outras formas de poluição) sobre os ambientes; as mudanças climáticas, que alteram as condições ambientais antes das espécies conseguirem se adaptar às novas condições, ocasionando a extinção de diversas espécies; as iniciativas equivocadas, que não dialogam entre áreas, permitindo diversos impactos decorrentes das ações antrópicas que pressionam os ambientes coralíneos.



O branqueamento de corais está associado a estresses sobre estes animais, seja climáticos ou, até mesmo, devido a doenças.



Barcos de pesca no entorno de recife de coral.



Polvejadores sobre recife de coral.



Turismo em ambientes recifais.

Fotografias: Coral Vivo

■ VISÃO DE FUTURO

Comunidades e ecossistemas coralíneos conservados, recuperados e conhecidos em termos de distribuição e funcionamento, por meio da construção e implementação participativa de diretrizes para sua preservação e uso sustentável pelos atores das esferas governamentais e da sociedade civil, em especial dos usuários e beneficiários dos serviços ambientais correspondentes.

■ OBJETIVOS DO PAN CORAIS

O PAN Corais tem como Objetivo Geral "Melhorar o estado de conservação dos ambientes coralíneos por meio da redução dos impactos antrópicos, ampliação da proteção e do conhecimento, com a promoção do uso sustentável e da justiça socioambiental."

Foram definidos 10 objetivos específicos (Tabela 4), envolvendo 146 ações e mais de uma centena de articuladores e colaboradores, de várias instituições.

TABELA 4 – Objetivos específicos, número de ações propostas (N) e indicadores selecionados no PAN Corais.

ID	Objetivos Específicos	N	Indicador
1	Promover a integridade e manutenção dos habitats, dos serviços ecossistêmicos e de populações das espécies foco e beneficiadas	31	% de aumento de áreas de UCs de proteção integral e de zonas de exclusão de uso direto em UCs de Uso sustentável, dentro das áreas foco
			% de aumento de áreas de restrição e/ou exclusão total de pesca dentro das áreas foco
			% de aumento de populações de meros, garoupas, badejos e budiões
2	Controlar e monitorar a atividade pesqueira nos ambientes coralíneos	23	% de aumento do número de dias de ação fiscalizatória nas áreas foco
			% de aumento do número de embarcações de pesca de pequena escala com PREPS atuando nas áreas foco
			número de ações de monitoramento implementadas
			número de sítios de agregação reprodutiva de peixes identificadas e monitoradas na borda da plataforma do nordeste
3	Promover a exploração sustentável dos estoques, adotando abordagem ecossistêmica	10	número de espécies foco ou beneficiadas do PAN com estratégias de exploração sustentável definidas
			aumento do número de recursos pesqueiros de ambientes coralíneos e de espécies foco ou beneficiadas contemplados por normas de ordenamento pesqueiro
			% das medidas de manejo pesqueiro propostas nas ações do PAN regulamentadas
4	Aumentar o conhecimento sobre ambientes coralíneos ainda pouco investigados	10	% de novas áreas com habitats mapeados e caracterizados por área foco
			número de editais de pesquisa para ambientes coralíneos relacionados ao objetivo específico 4
			número de artigos publicados sobre ambientes coralíneos pouco conhecidos nas áreas foco
5	Minimizar os conflitos de uso e impactos negativos no espaço marinho-costeiro provocados por atividades e empreendimentos que afetem direta ou indiretamente ambientes coralíneos	6	% de empreendimentos licenciados que necessitem de EIA/RIMA considerando condicionantes para compensação, mitigação ou monitoramento de ambientes coralíneos nas áreas foco
			número de áreas foco contempladas em normas de ordenamento espacial marinho
6	Ordenar a atividade turística nos ambientes coralíneos de maneira a minimizar seu impacto, considerando a socioeconomia local	16	número de atividades realizadas vinculadas às ações desse objetivo para minimizar impactos da atividade turística com valorização da socioeconomia local
			número de localidades nas áreas foco com turismo avaliado
7	Prevenir a introdução e a disseminação de espécies exóticas e invasoras nos ambientes coralíneos e avaliar e mitigar os impactos nos ambientes já afetados	11	número de áreas foco afetadas por espécies invasoras
			número de novas espécies invasoras em ambientes coralíneos
			número de espécies invasoras com avaliação de impacto realizada em ambientes coralíneos e adjacentes
8	Avaliar e minimizar poluição química, física, orgânica e biológica nos ambientes coralíneos	18	número de localidades em áreas foco com monitoramento de qualidade de água
9	Promover a revisão, integração, inovação e efetividade de políticas públicas considerando a perspectiva da sustentabilidade dos ambientes coralíneos, nos contextos social, ambiental e econômico, ampliando e fortalecendo os mecanismos de participação e controle social na gestão de territórios	16	número de fóruns/espços de diálogo em que ações do PAN Corais são discutidas
			número de processos de qualificação para participação e controle social baseados nos princípios do PAN
			número de políticas públicas (atos administrativos normatizadores) que incorporam ações do PAN
			% de ações de comunicação previstas no plano de comunicação que foram executadas
10	Avaliar e destacar o papel dos serviços ambientais dos ambientes coralíneos para questões relacionadas às mudanças do clima e seus impactos, bem como elaborar estratégias para sua mitigação e adaptação desses ambientes com base na construção de cenários específicos	5	número de áreas focais com planejamento de rede de unidades de conservação com ambientes coralíneos que considerem estratégia de adaptação baseada em ecossistemas (AbE) para efeitos de mudanças climáticas

Acesse a matriz de planejamento completa em: <https://goo.gl/Ax9RUQ>

INSTITUIÇÕES COLABORADORAS

GOVERNAMENTAIS

CONLE MEIO AMBIENTE/CÂMARA DOS DEPUTADOS - IBAMA (CGPEG;SUPES ES) -
ICMBIO (APA COSTA DOS CORAIS; CENTRO TAMAR; CEPENE; CEPNOR; CEPTA; COAPRO;
COPAN; CR7; DIBIO; ESEC TAMOIOS; ESEC TUPINAMBÁS; PARNAM ABROLHOS;
PARNAM FERNANDO DE NORONHA; REBIO ATOL DAS ROCAS; REBIO ARVOREDO;
RESEX ARRAIAL DO CABO) - JBRJ/MMA - MPA - MPF - PEM LAJE DE SANTOS/SP - SBF/
MMA - SEMA/BA - SEMA/MA - SMMA/CARAVELAS/BA -
SMMA/PORTO SEGURO/BA

UNIVERSIDADES

UEFS - UERJ - UESC - UFAL - UFBA - UFCE - UFES - UFF
UFPB - UFPE - UFRJ - UFRN - UFSC - UNIRIO - USP

ONGS

ASSOCIAÇÃO DOS MICROEMPREENDEDORES DO RECIFE DE FORA
BIOTA AQUÁTICA - CI BRASIL - CIEA/BA - CONFREM - CPP - INSTITUTO MAR ADENTRO
(PROJETO ILHAS DO RIO) - INSTITUTO MEROS DO BRASIL (PROJETO MEROS DO BRASIL) -
INSTITUTO RECICLAR - MPP - OCEÂNICA (PROJETO PONTA DE PIRANGÍ) - REDE ABROLHOS -
REDE SISBIOTA - REJUMA - VOZ DA NATUREZA

EMPRESAS

PETROBRAS - TRAMITTY

APOIO



REALIZAÇÃO



MINISTÉRIO DO
MEIO AMBIENTE



BRASÍLIA, MARÇO DE 2017

Para saber mais: [http://www.icmbio.gov.br/portal/
faunabrasileira/plano-de-acao-nacional-lista/3620-plano-de-
acao-nacional-paraconservacao-dos-recifes-de-corais](http://www.icmbio.gov.br/portal/faunabrasileira/plano-de-acao-nacional-lista/3620-plano-de-acao-nacional-paraconservacao-dos-recifes-de-corais)

